

Joel Rufino dos Santos contou-me uma história:

Após dois anos de prisão, na época da ditadura militar, ao ser libertado foi se despedir de um colega da cadeia (um preso comum) e ouviu o seguinte pedido: “Joel, quando você sair, por favor, pode pedir para uma pessoa escrever uma carta para mim?”.

Joel respondeu que sim, com certeza faria o favor. Apenas era preciso lhe informar o nome e o endereço da pessoa que queria que procurasse. Para sua surpresa, o colega de prisão lhe respondeu:

“Não, Joel, pode ser qualquer pessoa. Peça para alguém me escrever. É tão bacana ver vocês lendo e escrevendo cartas. Eu nunca recebi uma carta aqui.”

E o preso colega de Joel era analfabeto...

## 5.1

### Uma história de cartas...

Pensando na força que a escrita tem para homens e mulheres que estão ou estiveram na prisão, a carta aparece como símbolo maior da expressão de uma gente que tem na palavra escrita uma janela para o mundo externo. Através dela, conexões pensadas e outras inimagináveis se dão no dia-a-dia do cárcere. Família, amigos, amores... Os destinatários e receptores cruzam seus mundos sem que os grandes muros atrapalhem.

No presídio, não raro, o primeiro contato do preso com a escrita se dá através de cartas. Elas funcionam como um poderoso canal de comunicação entre os detentos e o mundo externo. Mesmo com grande parcela da população carcerária formada por semi-alfabetizados, esse tipo de escrita se faz rotineira nos espaços prisionais. Os presos que sabem ler e escrever ajudam os amigos a se comunicar por meio de cartas. E elas são muitas.

As cartas do amigo preso de Joel; cartas como as do próprio Joel ao seu filho Nelson, com 8 anos na época (que renderam um belíssimo livro<sup>64</sup>); cartas que contaram o suplício do massacre do Carandiru para a imprensa... Cartas de amor, cartas de dor.

Para destacar o conteúdo simbólico da troca de correspondências no cárcere, trago aqui em especial o texto *Cartas da prisão*<sup>65</sup>, de Marco Lucchesi, que conta uma história especial sobre cartas, literatura e liberdade.

O texto de Marco refere-se ao recebimento de uma carta inesperada, enviada por um remetente desconhecido. Ela trazia duas epígrafes: *A literatura é a irmã gêmea da liberdade* e a outra *Para tirar o homem do erro é preciso dar, não subtrair*. As palavras do escritor sobre as duas citações revelam a imediata identificação: “Pertenciam ao rol de minhas certezas poucas. A defesa radical da

---

<sup>64</sup> SANTOS, Joel Rufino dos, 2000. *Quando eu voltei, tive uma surpresa (Cartas para Nelson)*.

<sup>65</sup> LUCCHESI, Marco. 2006; p. 25.

literatura e da liberdade”, acrescentando: “E uma antiga (e sempre nova) consideração de um grande poeta, que disse: *donde no hay amor ponga amor y sacará amor*”.

A carta havia sido escrita por um preso de uma penitenciária de São Paulo e continha um pedido: livros. Livros sobre vários temas, como ensaios, poemas, aventuras, policiais, filosóficos. Livros didáticos não o interessavam. Seriam para uma biblioteca mantida no presídio onde estava e que já contava com 3000 exemplares.

Rafael (nome fictício dado por Marco) explicava que a média de empréstimos era de 1000 livros mensais e que dependiam de novas obras para “manter o interesse pela leitura e sermos eficazes em formar e promover leitores”<sup>66</sup>. Empolgado com o sucesso da biblioteca, ele escreveu: “Aqui é a Atenas do sistema penitenciário”<sup>67</sup>.

O missivista trazia para o novo “amigo” as impressões sobre o peso da leitura naquele mundo desconhecido: “é algo maravilhoso ver o que a leitura é capaz de produzir. Muitas das pessoas que estão aqui nunca tinham lido um livro não-didático. Os primeiros livros são sacudidas existenciais...”<sup>68</sup>.

É por intermédio de cartas, como a de Rafael para Marco, que muitos detentos desenvolvem o interesse pela escrita dentro da cadeia. E, muitas vezes, são as “sacudidas existenciais” causadas pelos livros as responsáveis por transformar homens que lêem e “maginam” demais em escritores. Por esta razão, são as cartas o fio condutor que nos leva à parte final deste trabalho: literatura, liberdade e vida.

Fizeram parte do processo de escrita de Luiz Mendes as longas cartas diárias que trocou com Eneida, amiga interlocutora de reflexões sobre a literatura e filosofia. As cartas trocadas com Henrique, o amigo que lhe apresentou os

---

<sup>66</sup> Lucchesi, 2006; p. 26.

<sup>67</sup> *ibid.*, p. 25

<sup>68</sup> *ibid.*, p. 26.

primeiros livros. As cartas ao Coroa, outro grande amigo de cela. Cartas para a mãe, dona Eida. Cartas de Denir, do *Círculo dos Missivistas Amigos*. Cartas também que o fizeram conseguir uma bolsa de estudos para o curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

No caso de Jocenir, estão incluídas na vasta correspondência trocada durante o período em que esteve na prisão as cartas para Cláudia, sua mulher; as do amigo Erick e a que escreveu acreditando estar “salvando a vida de *Adrenalina*” – um desafeto do passado.

Para Hosmany, ficaram marcadas a carta de Carolina, no conto *Diário de um detento*, do livro *Pavilhão 9*, que trazia um belo poema em espanhol. E a carta resposta, falando sobre cartas. No mesmo livro, a última carta (imaginada?) do condenado à morte, Charles Brooks.

Uma infinidade palavras trocadas, desenhadas, que preencheram folhas e mais folhas de cadernos, em celas cheias de solidão e tristeza, são hoje a memória mais fiel do que se passou e continua a se passar nos medievais tempos modernos das cadeias brasileiras. Foi também por intermédio delas que trabalhos como o de Jocenir, Hosmany Ramos e Luiz Mendes se tornaram possíveis. E tantas outras escritas nasceram nos presídios do Brasil afora. Escritas que se tornam agora tema da minha pesquisa.

Se a leitura pode ser um “abalo sísmico” para quem lê um livro (como escreve Marco); para quem o faz, para quem o escreve, a escrita pode ir além. Pode se transformar numa porta que se abre para a vida, nos espaços destinados à morte.

As palavras do escritor Fernando Bonassi, no prefácio do livro de Luiz Mendes, conseguem dar a dimensão da importância da escrita dentro da prisão:

Se é sabido que a palavra empenhada é muito forte num presídio, é bom saber que a palavra escrita também o é. Cartas, diários, poemas... embora ‘aqui fora’ raramente nos interessemos por essas manifestações, elas representam, se não o único, o principal meio de reflexão e expressão do mundo afetivo e espiritual de

milhares de brasileiros postos para mofar nas nossas cadeias. (MENDES, 2001, p. 11)

Possibilidades de vida e de liberdade através da palavra, da linguagem escrita, do viver redesenhado em páginas pulsantes da literatura. O encontro entre vidas e vidas, entre vidas e livros.

Novamente é válido citar uma passagem do texto de Marco Lucchesi sobre a carta recebida da prisão, em que lembra o educador Paulo Freire:

Paulo Freire – não havia como não recordá-lo aqui – definiu a educação como sendo a prática para a liberdade. O leitor e seus riscos. A dialética da escrita e da leitura. Todas as vozes. Todos os ventos. (LUCCHESI, 2006, p.27)

A dialética da escrita. Escrever para o outro e escrever a si mesmo. Redesenhar uma história para construir uma nova, novos mundos. Contar o que é dolorido contar, mas que o outro precisa saber. Desfiar o novelo da memória do vivido para trazer luz ao presente.

## 5.2

### **A potência do corpo ou “Maginando” a liberdade**

Os escritos que saem das cartas e entram nos livros, essas palavras rascunhadas atrás dos muros das prisões, são o testemunho latente da vida no cárcere. E esse testemunho tem o corpo como elemento fundamental na construção da narrativa. Nas três obras analisadas, os narradores se confrontam com o sofrimento intenso daquilo que está sendo narrado, contado. Seus corpos vão sendo contados juntamente com suas histórias na prisão.

Encontramos na leitura de Mendes, Jocenir e Hosmany uma relação intrínseca entre o corpo e a memória. A memória, a cadeia e a subjetividade que está sendo construída a partir da escrita passam invariavelmente pela questão do corpo que está escrevendo e que vivenciou a experiência contada.

Os autores narram a via-crucis do cárcere: o corpo humilhado, o corpo torturado, o corpo doente, o corpo morto. Mas também narram o corpo do prazer. O corpo do sexo, o que joga futebol, que fuma, que ri, que dança, que canta; o corpo feliz. Apesar de todas as marcas do sofrimento, salta desses corpos uma potência de vida, que parece ser a força motriz para suas escritas.

Através do corpo e da escrita o preso exerce alguma resistência ao poder punitivo que massacra, despersonaliza e humilha. Talvez principalmente pelo sonho da liberdade, eles resistem e mostram alguma força, alguma felicidade; a violenta vontade de vida diante do monstro assustador da morte.

Ela, a morte, é a inimiga onipresente no cárcere. A possibilidade de assassinato dentro da prisão ronda o preso como uma sombra perigosa, sempre à espreita. Outra “ameaça” constante é o suicídio, uma das alternativas frequentes que o preso em desespero encontra para fugir do sofrimento.

Na sua dissertação *Do Porão ao Mar – O Corpo em Memórias do Cárcere*, Ana Kiffer nos ajuda a pensar a questão da relação do corpo com a memória. Seu trabalho trata das representações do corpo na obra *Memórias do Cárcere*, do escritor Graciliano Ramos, que também vivenciou a realidade da prisão. A autora elabora a noção de corpo atrelada à memória. Para isso, se utiliza das noções de corpo a partir das contribuições de Roy Porter e das de Michel Foucault. Outro autor que auxilia no seu estudo é Peter Brooks, nas relações que este traça entre o corpo e as narrativas literárias. Como esboça o trecho abaixo:

Na modernidade, emergem lugares específicos para que o corpo seja mapeado em seus desejos. Lugares que aceitam a confissão das paixões, a liberdade e o escândalo dos corpos. Ainda que seja misterioso, perigoso e inacessível, o corpo em segredo pode falar. Circunscrito pelo secreto, aliado à confissão, é possível dar a saber algumas de suas verdades. (...) O corpo e suas secreções falam da verdade do corpo. Permitida numa literatura confessional, mas nem por isso menos incômoda. Pois, como afirma Foucault, a veia confessional opera mudanças não apenas no âmbito das práticas médicas, mas no cerne da própria literatura. (KIFFER,1995 p.11)

Ana Kiffer reflete que o corpo, a partir da modernidade, corresponde a um lugar privilegiado para portar significados e que esses significados “se relacionam ao ‘eu’, envolvendo cada corpo como marcas à maneira de adereços”. Ainda segundo ela, “diferenciam e definem lugares sociais. Dizem quem você é, de onde veio e a que veio.”<sup>69</sup>

E os corpos sobreviventes das experiências-limite da prisão trazem para a escrita o que vivenciaram, o que seus corpos sofreram; os autores se utilizam da escrita para traduzirem seu corpo, para tornarem público esse corpo. O gesto da escrita pode ser visto como a força que reside nos corpos apesar de tudo. A força criativa residindo num corpo doente.

Todas as sensações causadas pela experiência da prisão precisam ser ditas para se construir sentido. Sentidos esses que servem de base para construção de uma nova subjetividade criada através da escrita. Mendes usa a palavra “revolver” para falar do ato de lembrar, relembrar, suas dores do cárcere:

Viver, muitas vezes, é revolver. Observar passos e escombros por nós deixados e reconstruir. O momento urge, mas não insta. Então cerro os punhos, travo os dentes e sigo em frente em busca de algo ou alguém que me comova o suficiente. (TRIP, 2007, extraído do site)<sup>70</sup>

Falando sobre o rememorar através da escrita, em seu estudo sobre *Memórias do Cárcere*, Ana Kiffer escreve: “o texto de memória é também a sua possibilidade de se construir como personagem dessa horrível cena passada”<sup>71</sup>. O corpo aí pode ser visto como instrumento importante de resistência face aos caminhos para a morte:

A especificidade da vida em caserna impõe lembrar do indistinto, do indiferenciado, significados que aproximam o sujeito da sensação da morte. Mas o corpo se oferece como marca diferenciadora. Resiste à morte através da escrita de um corpo-memória e de um corpo que recusa a vida no cárcere para sobreviver, e retrata essa ambivalência da morte numa memória do corpo. (KIFFER, 1995, p.29)

---

<sup>69</sup> Kiffer, 1995, p.12.

<sup>70</sup> Revista Trip. Site: [www.revistatrip.com.br](http://www.revistatrip.com.br)

<sup>71</sup> Kiffer, 1995, p. 32.

Nos textos aqui abordados, os corpos se apresentam como que “marcados para morrer”. O ambiente e as lembranças são os da morte. Mas nesses relatos encontramos um espaço de criação de vida. Amores, solidão, pulsão de morte/vida, luta desesperada pela vida. Sensações de estar visceralmente vivo, apesar de tanto sofrimento. Escrituras de vida em espaços da morte.

O desejo da felicidade, da liberdade, é marcante na escrita do cárcere. Mesmo diante da experiência máxima da dor, o sonho se constrói. A alegria encontrando brechas dentro do horror da prisão. Os textos de Mendes, Jocenir e Hosmany trazem o desejo de habitar um mundo mais bonito e de fugirem da morte, seja ela física ou mental:

Sentia uma imensa necessidade de ser livre, nos poros, nos ossos. A vida lá fora tinha um cheiro diferente, excitante, e eu a aspirava a longos sorvos. O ar parecia conter partículas de tudo aquilo de bom e belo que enxergava agora no mundo, enchia-me, pelos pulmões, de felicidade! (MENDES, 2001, p. 132)

Vivia do passado. Estava sempre ‘maginando’. A mente sempre em flashback, cheia de novas esperanças e novos desejos. Um fio de esperança continuava a atormentar-lhe o coração – sonhava dia e noite com a liberdade. (RAMOS, 2001, p. 109)

Deixava meus pensamentos irem além das muralhas. Encontrava nas boas lembranças do passado a esperança de um futuro melhor. Longe da prisão. Às vezes não conseguia conter as lágrimas ao recordar minha família, o convívio e as alegrias do cotidiano de casa. O cheiro de comida saindo da cozinha, o cachorro latindo, o quintal coberto pelas folhas da mangueira, a rua cheia de moleques jogando bola no final da tarde. Meu coração batia descompassado, pedia para sair do peito, pedia para sair do presídio. Queria botar meus filhos na cama e dar-lhes boa noite, queria abraçar minha companheira e beijá-la. Quando se está em liberdade essas coisas parecem não ter tanto valor. (JOCENIR, 2001, p.164)

Seria o corpo como reação ao poder devastador da prisão. Através da escrita, a construção de um corpo que pode ter liberdade, mesmo que apenas na imaginação. Não se trata de uma narrativa sobre a liberdade, mas a possibilidade dela através da escrita. As palavras, a linguagem, desenhando um corpo que não está submetido ao poder punitivo da prisão.

Há o perigo de a escrita da vivência no cárcere, pelo ato do rememorar, levar esse corpo novamente em direção à morte, porque faz reviver as dores e

sofrimentos. Mas, no entanto, pode ressuscitar esse corpo, a partir do momento que ajuda a expurga a dor; num “desabafo” que esvazia o pote:

Nos últimos quatro meses, revivi este livro todinho, página por página, palavra por palavra. Foi uma viagem muito difícil. Houve momentos em que pareceu que tudo estava acontecendo de novo. Particularmente, nos instantes de maior sofrimento. Doeu, doeu fundo, mas eu preciso mergulhar naquilo de novo. (MENDES, 2001, p.474)

Confesso que o resultado não foi muito satisfatório, por esse lado. Talvez eu tenha ficado sem entender ainda mais. Ao desenrolar núcleos dessa história, fui envolvido pelas emoções e não consegui ficar de fora, no ponto de observação. Revivi, sofri, chorei de dó e até de raiva de mim mesmo. Acho que me perdi na história. (ibid., p. 476)

Mendes conta que o tacharam de louco quando se “enfiou dentro dos livros”. Mas ele não desistiu. “Não dei bola; queria mesmo enlouquecer, estava cansado da normopatia que orientava a maioria”. E lembra a música: “Mais louco é quem me diz, e não é feliz, não é feliz...”. O escritor tem se dito feliz com a vida junto aos livros. Foi pelo caminho da escrita, que ele encontrou uma maneira de “correr atrás dos sonhos”:

Estava desesperado com a rotina, o tédio e a monotonia; suportar transformava-se em sacrifício imenso. Louco ficaria se continuasse naquela apatia que é a vida prisional. Decidi correr atrás de meus sonhos. É óbvio que continuava tão perdido como todo mundo, mas agora havia uma objetivação, uma história a construir. (TRIP, 10/07/2007)

Através da escrita, liberando sofrimento pela palavra, pelo gesto do escrever, da atitude diante do mundo, nasce um novo corpo, uma nova vida. Os corpos desses escritores se “desconstroem” ao narrar todo o desmantelamento acarretado pela vida na prisão, e se reconstroem na escrita, afirmando a vontade de sobreviver à morte, de refazerem a vida. Mendes fala sobre a possibilidade dessa construção de um novo lugar:

Olhei e namorei livro por livro, caderno por caderno. Aquilo era importante demais para mim. Eu iria construir ma nova história de minha vida, doravante. Uma história mais bonita. (MENDES, 2001, p. 443)

E termina seu livro demonstrando que a vontade de prosseguir em busca de uma história mais bonita, de uma vida mais feliz, é grande:

No final deste livro, o que mais posso dizer? Que não vou parar de escrever; acho que deve ter ficado claro que não vou mesmo, por mais que em nada resulte. Principalmente preciso dizer que ainda estou na luta, que ainda quero ser feliz, e mesmo que não seja, jamais me conformarei com menos. Vou morrer tentando. (ibid., p. 478)

Lapoujade (2002) traz luz a esse trabalho quando discorre sobre como o corpo pode ser dotado de uma potência, uma potência de resistir, “resistir ao cansaço e ao sofrimento”. Nos seus questionamentos sobre “que pode o corpo”, o autor escreve:

Todo o problema consiste, então, em encontrar uma saúde no sofrimento: ser sensível ao sofrimento do corpo sem adoecer. Parece-me ser a mesma questão em Nietzsche e em Deleuze: que o sofrimento não seja mais uma doença, que ele se torne um meio para a saúde (não-médica) e para a salvação (não-teológica). Para isso, é preciso tornar a partir da questão do sofrimento e perguntar mais uma vez: que pode o corpo? O que é o corpo que sofre? (...) De certa maneira, reencontramos aqui a resistência ou o embrutecimento que o corpo manifesta contra os mecanismos de adestramento. Mas estes indispensáveis processos de defesa contra o sofrimento devem ser inseparáveis de uma exposição ao sofrimento, que aumenta a potência de agir dos corpos. (LAPOUJADE, 2002, p.86)

A transgressão, a sexualidade e a vontade de liberdade aparecem como pilares da possibilidade de resistir ao poder massacrante da prisão. Regras que vão sendo descumpridas, homens que se transformam em homossexuais e o desejo máximo da liberdade, sonhada por todos que estão encarcerados.

A questão do crime também pode ser encarada como uma forma de resistência, de potência, de poder do corpo. Através do crime o preso encontra uma forma de presença. Em vários momentos da escrita, Mendes deixa claro que se sentia bem ao roubar, se sentia forte; ser um malandro era ter algum tipo de poder. Neste sentido, é possível lembrar a literatura de Jean Genet, autor que também escreveu sobre sua vida no cárcere e do qual Mendes se tornou leitor. Apesar da grande diferença estética existente entre a escrita de Genet e dos autores abordados neste trabalho, há uma confluência no sentimento que envolve

a prisão, o crime e a vontade de potência do corpo. Sobre o crime, Genet escreve, no seu *Diário de um ladrão*<sup>72</sup>:

Mas em mim essa presença total, que se transforma numa bomba de uma potência que acredito terrível, confere ao ato uma gravidade, uma unicidade terminal – o roubo no momento em que é feito é sempre o último, não porque se pense não fazer mais nenhum depois desse, não se pensa isso, mas porque não se pode comprovar tamanha concentração de si (não na vida; ela nos levaria, mais ampliada, para fora dela)-, e a essa unicidade de um ato que se desenvolve em gestos conscientes, seguros da sua eficácia, da sua fragilidade e no entanto da violência que conferem a esse ato, concedo mais uma vez aqui o valor de um rito religioso(...) (GENET, 1983, p.99)

A presença do crime atravessa todos os relatos do cárcere. Mas o crime deve ser visto em que perspectiva nas narrativas do cárcere? Esse fascínio pelo crime não parece ser um elemento isolado, “o crime pelo crime”. Existe demonstrada uma vontade de transgredir, de fugir dos padrões estabelecidos pela sociedade, e talvez o crime seja uma vingança a essa “sociedade burguesa”, expressão bastante usada pelos autores.

Hosmany, escritor que tem toda a sua escrita atrelada ao tema do crime, no conto *Assassino Canhoto* desenha seu fascínio pela vida bandida, tecendo uma linha de argumentação para justificar esta opção:

Na prisão a gente pensa e aprende mais sobre a vida do que durante todo o período de liberdade. Aqui, o condicionamento da reclusão nos faz voltar sobre nós mesmos e nos faz descobrir coisas antes inimagináveis. Descobrir que toda opção de vida implica renúncia de alguma coisa. E foi justamente o que aconteceu comigo quando, na encruzilhada do crime, escolhi esse caminho, abandonando obrigatoriamente o convívio social. Me iludi, queria ser rico. Meus heróis me mostraram que o homem ideal era o sujeito endinheirado, superalimentado e cheio de mulheres. (...) Cedo aprendi sobre competição e a força de uma arma para aumentar minhas posses. Acabei insensível à dor alheia e penetrei num mundo contraditório. E quem põe a mão no fogo se queima. (RAMOS, 2005, p.165)

O crime, apesar de freqüentar de maneira contundente a escrita da prisão, não é seu personagem principal. Eneida Cunha rejeita que a valorização do crime permeie a literatura do presídio de modo a *heroicizá-lo*:

---

<sup>72</sup> GENET, Jean, 1983

Se no século XIX, segundo o mesmo Foucault, teve início - em consonância com as teorias de Fourier - uma valorização positiva do crime, como arma contra a ordem social compressiva, ou como "energia de espíritos robustos" a desdenharem as prescrições e interdições sociais, valorização da qual decorre uma certa heroização dos indivíduos estigmatizados como criminosos e dos encarcerados em geral, o contexto contemporâneo e as histórias narradas são bem outros, e bloqueiam tais projeções. Se ainda são possíveis algumas épicas - falhadas - do 'bandido', do traficante, do marginal, é de importância fundamental avaliar qual o lugar de produção dessas narrativas. Certamente não saem das prisões. (CUNHA, Arquivo extraído do site da PUC-Rio)

A exposição do sofrimento da prisão e da experiência no crime, através da escrita, do escrever-se, do contar-se, nestas narrativas da prisão, traz a seus autores uma força que constrói potência de vida, que inaugura lugares inexistentes, lugares novos para se construir novas vidas. Contar-se para se colocar no mundo, onde não existem como indivíduos, mas apenas como números de estatísticas.

Os corpos rastejantes, como os da escrita de Samuel Beckett, não são facilmente aceitos na engrenagem política, porque são os corpos que estão catando lixo, que estão presos, que estão sofrendo violências, inclusive do próprio Estado. Estão nas favelas, nos becos, na parte mais escura da vida. São os corpos sofridos, doloridos, machucados. A rejeição por parte da sociedade alimenta o motor da transgressão, da busca por algum tipo de poder, de presença, seja ela qual for.

As palavras de Jean Genet ilustram bem o sentimento de potência de vida em relação ao crime:

(...) a prudência, a voz sussurrada, o ouvido atento, a presença invisível e nervosa do cúmplice e a compreensão do menor sinal dele, tudo nos firma em nós mesmos, nos confirma, faz de nós uma bola de presença que a palavra de Guy descreve tão bem: - A gente se sente viver. (GENET, 1983, p.99)

Pelo viés da escrita, existe a possibilidade dos corpos dos presos serem colocados em evidência, corpos que são ignorados pela sociedade, que são invisíveis para fora dos muros das prisões, renegados e humilhados. Mas que ao mesmo tempo são corpos cheios de vitalidade, de emoções, desejos, verdadeiras

potências enfrentando a morte, em busca da vida. O sofrimento do corpo não paralisa a vontade de viver e a literatura chega como possibilidade de colocar os corpos desprezados num outro lugar, onde podem viver outra vida.

Hosmany encontra uma forma interessante para falar sobre a vontade de liberdade nos presos. Em um conto dedicado ao tema, o autor faz uma metáfora, ao narrar a história de uma linda mulher bronzeada, coberta por uma camisola ligeiramente transparente, com o nome de *Liberdade*.

Um homem preso, cansado de contar os passos dentro da cela, resolve parar diante da janela, durante horas, olhando as estrelas através das grades. Olhava fixamente para um estrela que parecia se aproximar. Ficou assustado. “Sentiu que aquela visão talvez fosse a da liberdade<sup>73</sup>”. E para sua surpresa, viu um raio de estrela se “encompridar” e penetrar na sua cela. Era a tal mulher, a *Liberdade*. E deu-se o diálogo:

- Sou Liberdade. Vim trazer-lhe alegrias – ela disse.
- Foi uma longa espera – ele disse.
- Quem espera sempre alcança. Eu cheguei. (RAMOS, 2001, p. 75)

No seu sonho de liberdade, o narrador coloca luzes e cores na cela encardida onde vive:

Uma chuva de luzes coloridas iluminou cela adentro, numa verdadeira celebração estroboscópica. Parecia até o reflexo de mil diamantes iluminados por uma luz cósmica, indescritível. (ibid.)

Depois de *Liberdade* ter tomado-o “pelas mãos” e lhe dado “um banho celestial de amor”, ele dorme e quando acorda ela havia desaparecido. O fato passa a se repetir todos os dias. Ele então, encantado, conta para outros presos e todos passam a querer conhecer *Liberdade*. “*Liberdade* era de todos.”

Esta frase resume a presença desse desejo na cadeia. Todos sonham com a liberdade. Dormindo ou acordados, este é o desejo máximo, a vontade maior de cada preso. Ela é bonita e encantadora assim como a mulher. Ela envolve o manto

---

<sup>73</sup> Ramos, 2001, p. 75

de esperança que eles vestem a cada dia para não desesperarem, não deixarem de acreditar que um dia irão sair da prisão.

*Liberdade* passou a ser dividida entre os outros homens até que um dia foi embora e não voltou mais. Era somente uma ilusão. *Liberdade* era uma ilusão que vinha e ia, como um sonho, alimentando a vida dos presos. Ela vai embora, mas o desejo por ela não:

Ele pelo menos agora, podia imaginar o que seria Liberdade. E era isso o que tornava a situação intolerável. Ele estava mais para os desenganados da terra do que para as surpresas dos céus, que tornara intolerável a segurança das grades. O conforto da prisão lhe batera na cara. Tudo o que ele tinha que suportar... só por causa da Liberdade. (ibid., p.76)

A realidade voltara à tona, com sua dureza. *Liberdade* havia ido embora e ficado a prisão, somente ela. Mas *Liberdade* ficaria na mente, como uma lembrança, como uma esperança, para suportar o pesadelo da cadeia.

No conto Pavilhão Nove, esse tema volta, desta vez por meio de uma citação da obra Dostoiévski, escritor lembrado por todos os três autores, pela sua ligação com a prisão:

Desenho uma flor caprichada no alto do papel e leio o que escrevi, inúmeras vezes, corrigindo cada parágrafo. Termino com a frase clássica de Dostoiévski, na *Recordação da Casa dos Mortos*: ‘Por mais que desejasse, não podia pensar noutra coisa, está como se fosse de visita...’ (ibid., p. 238)

Dostoiévski é sempre uma inspiração para o homem preso, que tem em *Recordação da Casa dos Mortos* um referencial de escrita. O autor russo também escreveu sobre o desejo/sonho de liberdade na prisão:

Os presos são grandes sonhadores. Darei provas desta asserção mais para adiante; por ora farei uma simples alusão: acreditar-me-ão se eu disser que conheci presidiários condenados a vinte anos de trabalhos forçados, e que, do modo mais plácido deste mundo, vinham com coisas deste jaez: ‘Deixa estar que quando eu, com a ajuda de Deus, completar o meu tempo, então...’ (DOSTOIÉVSKI, 2006, p.92)

Podemos também citar Dostoievski para falar sobre a potência do corpo, do desejo humano, diante do sofrimento. Ele traz na sua literatura a imperiosa

vontade do homem como forma de quebrar os limites impostos. A vontade da vida como vontade máxima:

A expressão ‘detento’ significa, por si mesma, um homem que não pode querer; dêem-lhe, porém, dinheiro e verão se, ao gastá-lo, tem ou não vontade própria. Não obstante sevícias, os grilhões e a odienta paliçada que o rodeia como a um animal confiando na sua jaula, ele pode por meio do dinheiro obter um desejo cruelmente punível, por exemplo vodka, mulher, e até mesmo, às vezes (embora nem sempre) subornar seus guardas, os inválidos, os monitores, ou mesmo os funcionários menos graduados para que fechem um olho ante outras infrações do regulamento e da disciplina; pode até mesmo se jactar, perante os demais – coisa a que é levado em alto grau -, de ter mais vontade e poder do que ele próprio e os camaradas afinal de contas poderiam pensar; em suma, pode alvoroçar, escandalizar toda gente certificando-a, assim, que pode, querendo, isto é, que está nas suas mãos fazer coisas que os outros pobres diabos jamais suportariam. (ibid.)

Neste trecho de *Recordação da Casa dos Mortos*, o autor russo discorre sobre a potência de vida dos presos naquele lugar que é o da morte. Ele destaca o significado da palavra ‘detento’ como a própria encarnação da negação do querer humano. “Um homem que não pode querer”. No entanto, o homem não aceita essa algema da palavra que o classifica na prisão. Por mais que ele saiba que é submetido ao poder do cárcere, ele encontra subterfúgios para “fugir” das amarras que o impede de “querer”, de “desejar”.

Contra o sofrimento e a dor, os presos encontram estratégias de alegria e de realização das vontades do corpo. Percorrerem sim o caminho da dor e da morte, mas em cada esquina encontram a via da vida, a salvação da morte. E a escrita é uma dessas vias. Escrever para contar e para não morrer. Para encontrar um lugar no mundo.

Novamente a literatura de Jean Genet se assemelha a de Mendes, Jocenir e Hosmany, pela vontade de vitória na luta contra a morte:

Se olho para trás, só vejo uma série de ações melancólicas. Os meus livros as relatam. Eles as enfeitaram com qualidades graças às quais me lembro delas com alegria. Fui aquele miseravelzinho, pois, que só conheceu a fome, a humilhação do corpo, a pobreza, o medo, a baixeza. De tantas atitudes carrancudas, tirei razões de glória. (GENET, 1983, p. 105)

Um outro universo possível através da literatura é construído pela reflexão tecida ao longo do texto. Nas páginas de seus livros, os autores descrevem e refletem sobre seus mundos, seus atos, suas possibilidades de fuga da morte; a busca de um outro mundo através de belezas e sutilezas percebidas em alguns instantes de luz. Mas não somente através da luz. Como disse Genet, a força foi tirar da própria miséria meios para sobreviver, modos de grandeza a partir do feio, sujo e pequeno. A escrita de Genet traça, então, esse caminho da vida:

O murmúrio de uma voz, de noite, e no mar o barulho de remos invisíveis, naquela situação estranha, me haviam transtornado. Conservei-me atento para agarrar esses instantes que, errantes, me pareciam estar à procura de um corpo, uma alma penada, de uma consciência que os anote e os experimente. Quando o encontram, param: o poeta esgota o mundo. Mas, se ele propõe outro, só pode ser da sua própria reflexão. Quando, na Santé, comecei a escrever, nunca foi com o intuito de reviver minhas emoções ou de comunicá-las mas para que, da expressão delas imposta por elas, eu compusesse um ordem (moral) desconhecida (de mim mesmo, em primeiro lugar). (ibid., p.183)

Sobre essa ordem desconhecida, Maria Rita Kehl fez a seguinte análise:

Uma ordem que Genet chama moral pelo simples fato de produzir uma fala nova e promover uma experiência ‘desconhecida de mim mesmo em primeiro lugar’, ou seja: que abra uma brecha na pedra dura do real, adiando temporariamente nosso confronto inevitável com a morte. (KEHL, 2003, p.65)

Genet, assim como Mendes, Hosmany e Jocenir, encontraram na escrita uma forma de “abrir uma brecha na pedra dura do real”. Fizeram da literatura uma possibilidade de construção de novas vidas, novos caminhos, novas interações com o mundo. A literatura funcionando como fichas jogadas a favor da sobrevivência, para ganhar o jogo mais cruel da cadeia: morte X vida.

Relatos literários desvalorizados por sua construção estética, pela ausência de “qualidade literária”, pelo seu lugar de fala, mas relatos de potência. Escrita que cria essa nova possibilidade de vida em recantos habitados pela morte. Narrativas talvez pobres na sua forma, mas ricas no seu conteúdo da matéria vivida. Por isso, válidas como instrumento de se posicionar no mundo, de se construir nos lugares onde não existem, de serem vozes que merecem e precisam ser ouvidas.

### 5.3

#### Contar-se para sobreviver (a exigência de um lugar no mundo)

As vozes do cárcere e de todo um grupo de indivíduos marginalizados chegam cada vez em maior número. A Literatura Marginal, o rap, a cultura da periferia em geral, têm transformado o antigo cenário da invisibilidade. No caso da literatura produzida nos espaços prisionais, ela tem sido uma via de “existência” e de afirmação para seus autores. A escrita deles tem se firmado como construção de uma identidade que foi massacrada pelo poder do sistema penitenciário, pelo poder exercido sobre os corpos dentro da prisão, pela tortura, pela dor, pela solidão. Como coloca Eneida Cunha, “talvez possam produzir, no circuito fechado do horror, alguma interrupção – como Sherazade”<sup>74</sup>.

O “movimento” *Literatura Marginal*, que reúne a escrita de autores provenientes das mais diversas periferias do país, tem conseguido produzir essa interrupção a qual se refere Eneida Cunha. Tendo como um dos principais representantes o escritor Ferréz, a *Literatura Marginal* faz circular “a voz que não tem voz”<sup>75</sup>.

Nascido e criado no Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo, Ferréz foi abrindo caminho. Escreveu livros sobre a realidade da periferia e organizou a série *Literatura Marginal*, para a revista Caros Amigos. Nesse trabalho foram selecionados poemas, crônicas, contos e ilustrações, publicados em três edições especiais. Autores dos mais diferentes pontos do Brasil, participaram do projeto. “Em comum, mais de trinta autores brasileiros marcados pelo estigma da marginalização social com necessidade e capacidade de expressão”<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Cunha, Semar 7, UFBA

<sup>75</sup> Ferréz, *Literatura Marginal*, 2005

<sup>76</sup> *ibid.*

Após cinco anos da primeira publicação, a revista *Literatura Marginal* virou um livro, também organizado por Ferréz, com a reunião de 26 textos de onze autores, “escritos à margem da literatura e da sociedade, mas com fôlego vivo para romper o gueto e a exclusão”<sup>77</sup>.

É nesse grupo, da *Literatura Marginal*, que tem sido incluída a literatura produzida nos presídios, porque feita por gente também marginalizada. Uma das vertentes das “vozes que não têm voz”. Jocenir tem um conto seu publicado em uma das edições especiais da revista e Luiz Mendes tem o conto *Cela forte* publicado na coletânea constante do livro.

O texto de Ferréz *Terrorismo Literário* é quase um manifesto em favor da Literatura Marginal. Ele começa avisando: “A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra.” É a indicação que a mudança, que a chegada da periferia pela porta de entrada não se faz mais apenas pelas “ferramentas” também marginalizadas de sempre. Agora ela entra com a ferramenta do próprio opressor. A escrita, um espaço elitista na sociedade, agora também é feita por eles, independente de vozes de legitimação.

Ferréz encontra uma metáfora perfeita para destacar o poder de presença que a Literatura Marginal e outras formas de cultura começam a ter, ou melhor, já têm atualmente. Encenando uma fala que viria da elite, ordenando aos pobres e negros que calassem a boca, porque “eles não têm vez”, o escritor responde:

Cala boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve. Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim /escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto. (FERRÉZ, 2005, p.9)

“Tiramos nós mesmos a nossa foto” simboliza a potência da escrita que fala do lugar dos que estão à margem. O ato de tirar a foto, de dizer e se dizer agora está nas mãos deles próprios. Não precisam de legitimação dos de “fora”. Aliás, sobre essa necessidade, Ferréz vem com tudo no seu discurso ácido: “Sabe duma

---

<sup>77</sup> Ferréz, *Literatura Marginal*, 2005

coisa? O mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos”<sup>78</sup>.

O escritor continua derramando sua fala incisiva para avisar que o movimento da periferia ao centro não tem mais volta. Na linguagem usada pelo rap, poderíamos dizer que Ferréz atesta que “tá dominado”:

Estamos na rua, loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virar as costas, mas, como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide esse país. (ibid., p. 10)

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles ‘excluídos sociais’ e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (ibid., p.11)

Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tachar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos raízes e as mantemos. (ibid., p. 13)

O texto produzido por esta periferia se transforma então numa reivindicação de uma existência perante à sociedade, perante os outros, perante si mesmo. Uma existência física e política. Dentro desta reflexão, a leitura de Jacques Rancière é imprescindível.

No seu texto *A partilha do sensível - Estética e política*, Rancière defende um regime das artes no qual a estética e a política são vistos como dois aspectos dentro de um todo, e não dois elementos isolados, separados. Rancière coloca a política como um lugar vazio que somente é preenchido no momento em que algum grupo ou sujeito, que sofre algum tipo de injustiça, de discriminação, é subjetivado a aparecer, a ter espaço, em um lugar onde ele não está previsto. É através das manifestações de grupos, ou de indivíduos, que estão num espaço desprivilegiado, que sofrem injustiças, é através de seus corpos, de sua presença, que se cria uma sensibilidade daquilo que não é sensível.

---

<sup>78</sup> Ferréz, 2005, p.10

Para Rancière, há uma exigência de igualdade quando essas vozes exigem espaço onde não há lugar para elas. Segundo ele, essa exigência de igualdade não se refere a um conteúdo universal, ela é uma exigência estética, porque passa por uma sensibilidade. É uma parte que exige ter lugar onde não há lugar para ela.

Mas a política não se tornou ‘estética’ ou ‘espetacular’ recentemente. Ela é estética desde o início, na medida em que é um modo de determinação do sensível, uma divisão dos espaços - reais e simbólicos - destinados a essa ou àquela ocupação, uma forma de visibilidade e de dizibilidade do que é próprio e do que é comum. Esta mesma forma supõe uma divisão entre o que é e o que não é visível, entre o que pertence à ordem do discurso e o que depende do simples ruído dos corpos. A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e a das condições. (RANCIÈRE, 1995, p.08)

As narrativas aqui estudadas, parece que, mostrando uma estética própria de um grupo que está à margem, num espaço que a princípio não teria lugar para ele, determina uma sensibilidade que não existia, da qual fala Rancière.

Um canal de interlocução é construído entre espaços que não se comunicam, não interagem e nos quais determinadas vozes geralmente não são consideradas com legitimidade. Wander Miranda explora esse entre-lugar no seu ensaio *Apropriações, Deslocamentos, Falsificações: Literatura:*

As subjetividades então em disputa, ao se inscreverem na rede textual que lhes dá forma e voz, insurgem-se contra as práticas representacionais canônicas, acrescentando a elas o traço rasurado de irredutibilidade do heterogêneo – em última instância, anti-representacional -, que age como obstáculo à pluralidade liberal e ao multiculturalismo conciliador. Instauram-se formas singulares de interlocução que respondem pela criação de novos objetos literários e pelos procedimentos com que se auto-regulam discursivamente, bem como se abre espaço para a compreensão do modo pelo qual textos e culturas se reconhecem pelas suas projeções de alteridade. (MIRANDA, 2004,p.105)

Há a criação de um espaço e de ouvintes para essas vozes e esses corpos da periferia, que estão tão afastados do que é legitimado na cidade, na sociedade, do que é considerado, do que é valorizado. Esses relatos periféricos, esses corpos esquecidos, se refazem através de uma estética, criando um outro retrato, diferente dos já definidos por estereótipos impostos às populações pobres e marginalizadas,

redesenhando assim algum tipo de articulação entre territórios da "cidade partida", expressão criada pelo jornalista Zuenir Ventura.

Na cidade apartada pelas diferenças sociais, por muros de prisões reais e muros subjetivos, construídos por essas diferenças, através de sua estética própria, de suas redes de articulação, que trazem junto também sua ética, esses indivíduos tentam abrir espaços para a construção de novos direitos, novas formas de presença; criam espaços políticos.

Nesta exigência de novos espaços, a afirmação de uma presença perpassa pela subversão de padrões consolidados, porque, como periferia, sofrendo preconceitos, miséria, racismo e tantas formas de violência, é natural que essa estética esteja impregnada desses fatores de exclusão.

Uma das questões que envolvem a discussão sobre a arte (escrita, pintura, música, etc) que vem da periferia é a presença da violência e do crime em suas formas de expressão. É difícil que ela não esteja presente, porque essas formas de expressão estão contaminadas de suas realidades de vida. No *rap*, por exemplo, os *rappers* gostam de "gritar" que o que cantam é o que vivem. Muitos deles inclusive não querem ser vistos como artistas, porque desejam representar um canal de denúncia da realidade dura da qual fazem parte.

A literatura também se constitui como um caminho de expressão desse real dos espaços à margem. A cultura "não-oficial" chega através da escrita para dialogar com a "outra" cultura, a nossa, dos letrados. Wander Miranda resume esse encontro de culturas pela literatura:

No mundo globalizado e na era da mediatização total da experiência, a literatura pode ser considerada como forma liminar de representação social, internamente marcada pela diferença cultural e por novas possibilidades de sentido e significação. O circuito então instaurado de imagens e signos, em remissão intermitente, cria espaços propícios para o confronto do múltiplos conteúdos do saber contemporâneo, estabelecendo um processo intersemiótico que se efetiva por meio de uma relação interlocutória em que produtor e receptor podem exercitar, em larga medida, sua atenção crítica e sua capacidade reflexiva. (ibid., p.103)

Através dessas manifestações artísticas, como a literatura em análise neste trabalho, como o movimento *hip hop* e tantas outras formas de presença da periferia, é criada uma ponte, um novo espaço, para os que não têm acesso ao "lado de cá" da cidade possam chegar, possam se fazer visíveis onde são considerados invisíveis; possam mudar a posição de exclusão e abandono a que estão acostumados. É mostrar que fazem parte da mesma cidade, da mesma sociedade, do mesmo quebra-cabeça que aparta os seres humanos através de políticas econômicas que cada vez mais geram pobreza e miséria pelo mundo inteiro.

Temos percebido que as redes de ativismo e cultura da periferia têm se transformado em armas de luta contra essa cruel exclusão, trazendo aos grandes centros a presença da periferia, mostrando que existem e resistem apesar das difícilísimas condições de sobrevivência. Forçam a entrada, criam brechas que não existem, e assim, pela sua presença, sua estética, criam espaços políticos onde existem, onde são enxergados, são valorizados.

Ao falar sobre minorias na literatura, Wander Miranda expõe o transitar de fronteiras que as falas oriundas das minorias alcança:

As perspectivas das minorias sexuais e étnicas ou a questão do gênero (gender), quando trazidas ao debate literário, assinalam a existência de fronteiras que são internas aos discursos e que demarcam o espaço agonístico a ser considerado. Não se trata de inverter o eixo da discriminação, instalando o excluído e o marginalizado no sistema de representações que visam reverter. Ao contrário, a emergência 'suplementar' das manifestações minoritárias resulta num movimento simultâneo de alargamento e estreitamento dos espaços disciplinares oficiais, tendo em vista os territórios culturais a serem cedidos ou conquistados no âmbito das diferenças sociais e das lutas políticas. (ibid., p.105)

Como observou o geógrafo Milton Santos, essas redes culturais permitem "implementar uma consciência política que vai dos pequenos para os grandes espaços, disseminando-se do quarto para a rua, da rua para o bairro, daí para a cidade, o país e assim por diante"<sup>79</sup>.

A literatura produzida dentro dos presídios tem sido uma das vertentes

---

<sup>79</sup> Santos, 2002.

dessas redes de ativismo e cultura, mostrando a criatividade e a vitalidade de que é capaz a gente da periferia. Essa força mostra a capacidade de se buscar possibilidades, alternativas ao pensamento dominante, aos espaços de dominação. Essas pessoas, através de sua arte, de sua escrita, de seus corpos, de suas atitudes, reinventam espaços, recriam vidas, saem do ostracismo a que são jogadas; contestam, são elementos transformadores numa sociedade que é marcada pelas desigualdades sociais.

Todas as mazelas e crueldades sofridas por essas desigualdades não abafam de todo a potencialidade da vida dos homens encarcerados. Ao contrário. Reforçam a vontade de vida a um ponto máximo.

O antropólogo Luiz Eduardo Soares, que recentemente mergulhou no mundo da periferia para escrever, juntamente com MV Bill e Celso Athayde, o livro *Cabeça de Porco*, descreveu com beleza a riqueza que salta dos guetos:

Ela é plural e heterogênea, como é múltipla a cultura popular e são diversas as experiências sociais na periferia. Mesmo variando a qualidade das vozes e dos gestos, há aí um tesouro precioso e vivo. Vibram aí linguagens poderosas, que armam inteligência e sensibilidade com recursos expressivos sincréticos e originais (...) As linguagens estéticas da periferia têm combinado, com ousadia, atitude e poesia, no corpo, no ritmo, nas palavras, na melodia, nos documentários, na dramaturgia. Atitude é marca de uma ética que revive, nas dicções contemporâneas, o melhor de nossa tradição democrática. Atitude importa em um novo compromisso, assumido com orgulho, sustentando identidades que reafirmam sua cor e sua origem social. (SOARES, 2005, p.16)

A literatura objeto de estudo deste texto, ao trazer uma forma de presença da periferia para um espaço institucionalizado é um exemplo de como a estética da periferia tem ganhado espaço e visibilidade, tem construído alternativas, tem se transformado em espaços políticos tais como esses são vistos por Jacques Rancière.

Maria Tereza Lemos, em sua tese de doutorado *A (de)missão do intelectual* analisa essa questão da transição entre os espaços sociais diferentes, quando dedica um capítulo à literatura produzida na prisão por Luiz Mendes:

Por fim, a atuação política de Luiz, se dá a partir do reconhecimento e da explicitação de suas múltiplas pertencas, sou seja, as diversas interações que vão mostrar os processos pelos quais ocorrem identificações parciais entre indivíduos com diferentes trajetórias. Para a compreensão da questão, é preciso enfatizar não apenas o sujeito em trânsito mas a memória dos seus deslocamentos. Isto só se torna possível a partir de um olhar sobre a singularidade deste indivíduo que só a memória de suas experiências pessoais tem condições de apresentar. Enfim, essas memórias nos mostrarão a possibilidade que tem esse sujeito de transitar por diferentes sistemas culturais e simbólicos e de continuamente construir-se através da interação com outros indivíduos e com diferentes grupos. (LEMOS, 2007, p.147)

Mesmo não havendo uma intenção artística nessas narrativas, elas são formas criativas de presença de uma realidade que não é legitimada, que é a realidade do excluído, daquele que não tem voz, que está à margem. E essa arte, mesmo sem a intenção de ser arte, é política porque consegue trazer para o centro uma visão, um jeito de ser, de estar no mundo, que não é reconhecido, que está sempre à margem.

Com sua escrita, que refletem seus corpos, seus guetos, seus espaços de sobrevivências, sua arte, eles criam uma sensibilidade, uma visibilidade para aquilo que não era visível, que não era sensível, que "não existia" para a sociedade.

No caso de Mendes, sua escrita não somente o trouxe para a inclusão da sociedade, como se transformou numa forma de sobrevivência após sair do cárcere. Ele disse “sim” à vida através e para a escrita, que se tornou para ele uma das tantas possibilidades de presença:

Sim, porque são mesmo infinitas as possibilidades de quem quer fazer alguma coisa. O problema é que alguma coisa é sempre pouco e o todo não conseguimos abarcar. Posso dizer como tento lidar como isso. Não me prendo a nichos. Alguns querem me tornar especialista sobre prisão, dado o meu passado. Outros, pensando em meu presente, escritor. Tem quem queira que eu seja palestrante ou até ator. Agora que estou entrando de sola no teatro (já tenho duas peças), invadindo roteiros e telas de cinema, provavelmente pensarão que esta deve ser a direção. E eu sei que não é, mas que é também. (TRIP, 30/07/2007)

Mendes tem se permitido às várias possibilidades que encontrou para a vida fora da prisão. Vai abrindo suas frestas, encontrando lugares para si num mundo no qual estava tão distante na prisão. Acreditando na vida acima de tudo. Sua fala

é cheia de esperança e paixão:

Claro, na maioria das vezes, chego inseguro, tateando. Assim que sinto que posso, então vou conhecendo, expandindo. Depois vejo o que posso fazer a partir de mim, relacionando com o que está pintando. Sigo curioso, voraz, como uma esponja a absorver tanto quanto possa. (ibid.)

Continuo fazendo palestras apaixonadamente. Quase sempre choro, emocionado, e, o melhor, quem me ouve chora e se emociona também. É quase uma catarse. Boa parte do tempo, tento conquistar, então produzo pensamentos provocativos e brinco com as pessoas. Faço alegria com as mãos. Vendo meus livros arrojadamente. É esse o dinheiro que sustenta meu povo (e não somente meus filhos) e a vida que me esforço por levar. (ibid.)

O escritor tem noção da importância do seu espaço conquistado na sociedade, o reconhecimento da sua presença no mundo:

É sério e profundo porque a educação, alimentação e cuidado com pessoas dependem disso. Não é apaixonante saber que o fruto de sua luta vai possibilitar pessoas a crescer, se desenvolver e viver suas vidas? É mais que poético, e qualquer trabalhador, por mais humilde, pode afirmar isso de boca cheia. (ibid.)

Com sua literatura e com a criação de possibilidades de vida, Mendes faz parte da rede de ativismo e cultura da qual falou anteriormente Milton Santos e Luiz Eduardo Soares.

Para Rancière, esse tipo de movimento tem força pelo próprio ato de se movimentar, de buscar visibilidade; o que o valoriza não é a apresentação de possíveis soluções, mas o deslocamento de determinadas vozes para um lugar onde elas não têm ouvintes. Nesse sentido, é uma estética que se faz política e vice-versa, uma política que se faz estética.

Milton Santos vem complementar as reflexões sobre estética e política, quando fala sobre a articulação desses movimento que surgem da periferia:

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí

suas formas típicas de criação. Isso seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí as expressividades dos seus símbolos, manifestos na fala, na música, na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. E tudo isso evolui de modo inseparável, o que assegura a permanência do movimento. (SANTOS, 2002, p.144)

Cada vez mais esses movimentos, essas novas formas de linguagem, de arte, de vida, têm dialogado com os espaços dos centros, criando interações entre o “lado de lá” e o “lado de cá”. Assim, como nas colocações de Rancière, sobre o regime de artes, a estética da periferia, vem, através da exigência de espaço, de presença, exercer um tipo de potência, enquanto grupo que exige legitimidade, exige a palavra.

A palavra que é presença. A palavra que quer ecoar vida. Uma escrita que quer criar outras vidas possíveis, outro lugar que não o da morte. Contar a si próprio, para sobreviver, para se inventar de outra forma. Contar o real vivido para expurgar a dor e reconstruir-se. Furar os muros das prisões e do silêncio da sociedade, para ver o lado de lá, para enxergar algum tipo de luz. Ver-se no espelho para construir uma imagem outra, que não a da dor, da morte, e sim a da alegria, da vida.

A fala de Eneida compõe a idéia da literatura produzida no presídio como estratégia de legitimação:

Estão saindo das prisões palavras que fraturam ou tornam transparentes os muros que sempre isolaram, do olhar público, o cotidiano terrível da ação policial e das instituições penitenciárias, ambas criteriosas em seus requintes de punição; narrativas que produzem, simbolicamente, uma inversão dos três termos que formam um circuito quase nunca interrompido: polícia, prisão, delinquência. Ao apropriarem-se da voz, do poder de narrar e de ser ouvido, os "delinquentes" - o último e mais fraco elemento desse conjunto - não têm histórias muito novas ou muito variadas a contar, mas têm uma sensibilidade de corpo e uma vontade que são diametralmente opostos a quase tudo que usualmente nos fala sobre eles. As narrativas que estão saindo das penitenciárias brasileiras, embora igualmente signifiquem "aquela possibilidade inesperada de real" ou valham principalmente por sua "dimensão extra-literária" (segundo Moreiras), são produzidas num contexto que está todo ele atravessado de literatura, seja enquanto experiência de leitura, seja enquanto estratégias múltiplas de legitimação do literário e de auto-legitimação através do literário. Este é provavelmente o seu aspecto mais instigante - quando está, ou se está, em questão o estatuto atual da narrativa e da própria literatura. (CUNHA, Arquivo extraído do site da PUC-Rio)

Essas narrativas encarnam um tipo de presença desafiadora, corajosa, no sentido de dizerem "estou aqui, existo apesar de a sociedade me desprezar; estou aqui, muito presente, muito viva".

Desta forma, corpos tão machucados pelas formas de poder e pela força do sistema penitenciário, pelo esquecimento da sociedade, criam o seu espaço especial de presença nessa realidade dura e seca que os exclui. Seus corpos e sua escrita são sua arma, sua força e sua marca no mundo. A dimensão desta escrita vai além do literário. Na recriação de uma vida possível dentro da realidade que quase sempre parece impossível, esse corpos se constituem uma presença política através de sua literatura, de sua estética. E todo esse conjunto de elementos está ligado a seus valores, ou seja, uma estética ligada a uma ética.

A literatura de Mendes, Jocenir e Hosmany está inserida neste contexto de possibilidade de criação de vida. A escrita desenhando a vontade máxima de viver, no enfrentamento diário com a possibilidade (e às vezes também o desejo) de morrer.

A liberdade sonhada incansavelmente pelos homens do cárcere sendo criada em páginas escritas e páginas lidas. Histórias repletas de quedas reconstruindo-se a partir do ato da escrita. Entre a dor da realidade do cárcere e o sonho de "ver a vida lá fora", os escritores da prisão procuram a esperança na literatura, as asas para a liberdade. O texto da vida tecendo, com palavras, uma existência mais bonita.